

# A Figura do Gaúcho e a Identidade Cultural Latino-Americana\*

LETÍCIA FONSECA RICHTHOFEN DE FREITAS\*\*  
ROSA MARIA HESSEL SILVEIRA\*\*\*



**RESUMO** – Este trabalho tem por objetivo examinar, a partir da análise de reportagens de jornais de Porto Alegre – *Zero Hora* e *Correio do Povo* – publicadas durante as comemorações da Semana Farroupilha de 2003, a figura do gaúcho como um dos ícones da identidade sul-rio-grandense, considerando-a uma das possíveis identidades latino-americanas. A análise considera o papel pedagógico exercido pela mídia no sentido de instituir verdades e produzir subjetividades, ensinando determinadas maneiras de se ser gaúcho. O referencial teórico da pesquisa está situado no campo dos Estudos Culturais, cujos conceitos-chave são justamente cultura, identidade, sistemas de significação e poder. O hibridismo cultural da identidade gaúcha, num embate com as identidades nacionais (brasileira e uruguaia), assim como o destaque dado às crianças, em uma perspectiva pedagógica, são discutidos em três reportagens publicadas no mês de setembro de 2003 nos jornais citados.

**Descritores** – Identidade; cultura; gauchismo.

**ABSTRACT** – This study has the objective of examining, based on the analysis of articles in two newspapers in the city of Porto Alegre - *Zero Hora* and *Correio do Povo* - issued during the celebrations of the *Farroupilha* Week in 2003, the image of the *gaúcho* as one of the icons of identity in the state of Rio Grande do Sul, and considering it as one of the possible Latin American identities. The analysis considers the pedagogical role exercised by the media in the sense of inculcating truths and producing subjectivities, teaching certain ways of being *gaúcho*. The theoretical reference of the research is situated in the field of Cultural Studies, whose key concepts have been exactly culture, identity, systems of significance, and power. The cultural hybridism of the *gaúcho* identity, in contrast with national identities (Brazilian and Uruguayan),

---

\* O presente trabalho é resultado do Projeto Integrado de Pesquisa "Textos, discursos e identidades em Educação", apoiado pelo CNPq, processo 479123/01-2.

\*\* Doutora em Educação - professora dos Programas de Pós-Graduação em Educação da UFRGS e da ULBRA.

\*\*\* Mestre em Educação e doutoranda em Educação do PPGEdu - UFRGS.

Artigo recebido em: dezembro/2003. Aprovado em: abril/2004.

## Educação

Porto Alegre – RS, ano XXVII, n. 2 (53), p. 263 – 281, Mai./Ago. 2004

as well as the emphasis given to the children, with a pedagogical perspective, are discussed from three articles published during the month of September 2003 in the newspaper named above.

**Descriptors** – Identity; culture; gaúcho.



### **PRESSUPOSTOS, INTERESSES E CONCEPÇÕES CULTURA, IDENTIDADE, DISCURSO, PEDAGOGIA**

Partimos, nesse trabalho, de um pressuposto e de um interesse. Como pressuposto, tomamos a hipótese de que a chamada – e tão polemizada – identidade gaúcha está conectada a outras identidades latino-americanas, como a do “gaúcho” argentino e do uruguaio; por outro lado, interessa-nos particularmente esta “identidade” regional sul-rio-grandense, cuja vida - ou sobrevivência – tem se transformado sob o influxo dos novos artefatos (inclusive eletrônicos) da modernidade e da pós-modernidade. Nesse sentido, propomo-nos trazer para reflexão algumas das dimensões que a constituem, a partir da análise de algumas matérias dos jornais de maior circulação do Estado do Rio Grande do Sul – *Zero Hora* e *Correio do Povo*, matérias essas que foram publicadas durante as comemorações da Semana Farroupilha em 2003. Vemos em tais matérias a reafirmação de uma representação de gaúcho “genuíno”, visto como um dos ícones da identidade sul-rio-grandense, e consideramos, em especial, o papel pedagógico exercido pela mídia (inclusive impressa) no sentido de instituir verdades e produzir subjetividades, ensinando determinadas maneiras de se ser gaúcho, ao mesmo tempo que vemos tal representação como um espaço em que repercutem determinados discursos sociais.

O referencial teórico da pesquisa está situado no campo dos Estudos Culturais, cujos conceitos chave são justamente cultura, identidade, sistemas de significação e poder, entendendo-se a cultura como constituidora de todos os aspectos da vida social, e considerando-se que os processos de significação social inerentes a ela, não se dão sem permanentes lutas e tensões. Nessa direção, Silva (2000) observa que

#### Educação

a cultura é um campo de produção de significados no qual os diferentes grupos sociais, situados em posições diferenciais de poder, lutam pela imposição de seus significados à sociedade mais ampla. A cultura é, nesta concepção, um campo contestado de significação. O que está centralmente envolvido nesse jogo é a definição da identidade cultural e social dos diferentes grupos (p. 133-134).

Se considerarmos as sempre vivas polêmicas sobre a “realidade”, a “autenticidade”, a “importância” desse “gaúcho típico” no contexto sul-rio-grandense, vemos como tais observações se casam à perfeição com tais polêmicas.

Ainda em relação às identidades, a partir da compreensão da existência de um jogo pela imposição de sentidos e de definições do que seria legítimo e espúrio no perfil identitário de determinados grupos, devemos considerar o seu caráter relacional e situado, o que lhes nega qualquer tipo de essência ou característica transcendente. Woodward (2000) enfatiza justamente esta perspectiva não-essencialista das identidades, colocando em xeque a idéia de unicidade e da presença de certas características que se perpetuam através do tempo. Wodak (1999), por outro lado, utiliza o conceito de “identidade múltipla”, esclarecendo que

o termo é designado para descrever o fato de os indivíduos, bem como os grupos coletivos, tais como as nações, serem, em muitos aspectos, híbridos de identidade, daí ser uma falácia e uma ilusão a idéia de uma identidade ‘pura’ homogênea no nível individual ou coletivo (p. 16).

Sobre os processos de produção cultural das identidades, entendemos que se trata de um campo contestado, pleno de símbolos e enunciados em freqüente movimentação (veja-se a luta das mulheres, já mais antiga, dos homossexuais, dos surdos e de tantas outras identidades “emergentes”). Deve-se considerar, em tais processos, a importância da linguagem, pois, conforme observa Silveira (2002), “várias são as formas em que a linguagem e o discurso operam na constituição, fixação e reprodução da desigualdade” (p. 20), tanto dentro da própria

#### Educação

“economia do acesso e manutenção da palavra” (quem “pode” falar sobre determinada identidade, em que situações e com quais garantias), quanto por estratégias que “dizem mais respeito ao ‘interior’ da própria linguagem” (formas de nomeação dos sujeitos, formas de detalhamento, entre outros).

A escola, assim como a família, os grupos de pares e a mídia, é um espaço onde circulam diversas narrativas sobre grupos culturais, privilegiando algumas identidades, em detrimento de outras. A esse respeito, podemos refletir sobre a afirmação de Silva (1999) de que

não é preciso dizer que a educação institucionalizada e o currículo – oficial ou não – estão, por sua vez, no centro do processo de formação de identidade. O currículo, como espaço de significação, está estreitamente vinculado ao processo de formação de identidades sociais (p. 27).

Enfim: os discursos veiculados na escola auxiliam – de maneira mais ou menos central – no estabelecimento de identidades variadas, como as de nacionalidade, de etnia, de gênero, etc., considerando-se não apenas os discursos pedagogicamente sancionados – os dos materiais pedagógicos e dos diversos planejamentos, p.ex. – mas também aqueles que circulam na voz cotidiana das professoras e professores, dos grupos de alunos, dos funcionários escolares, entre outros.

### **UM POUCO SOBRE A CONSTITUIÇÃO DA “AUTÊNTICA IDENTIDADE GAÚCHA”**

No caso da constituição dessa identidade gaúcha privilegiada, várias instâncias, múltiplas e diferenciadas em suas ações e concepções, atuam, como a própria escola (frequentemente – no caso das escolas metropolitanas – inserindo-a numa espécie de “currículo turístico”), a mídia (TV, jornais) e os Centros de Tradições Gaúchas<sup>1</sup>, espalhados

---

<sup>1</sup> Os CTGs, sigla amplamente utilizada para nomear os Centros de Tradições Gaúchas, são um tipo de “clube social” com características específicas, que procura reproduzir a ambiência de uma vivência rural pampeana e favorecer as manifestações culturais chamadas “tradicionalistas”: músicas regionalistas, danças, declamações, invernadas, saraus, churrascos, bailes, bailantas, etc. São numerosos em todo o território gaúcho (do Rio Grande do Sul) e espalharam-se pelo Brasil.

#### **Educação**

pelo território gaúcho e atuando, inclusive, nas grandes cidades. Pode-se falar, então, na predominância da representação do gaúcho do pampa, do meio rural, apegado a seu cavalo, corajoso e destemido. São elementos que, segundo Jacks (1998), fazem parte do “mito do gaúcho”, o qual, conforme a autora, “engendrou um tipo, uma personalidade, que passou a identificar idealmente o gaúcho e impor-se como padrão de comportamento” (p. 21). Particularmente, cremos que a figura do gaúcho, na representação mais citadina, tem se circunscrito a determinadas dimensões, como a produção musical – muito pujante, a eventos festivos, a costumes que transbordam do âmbito do “gauchesco” (chimarrão, churrasco, etc).

A figura emblemática e mítica do gaúcho, cuja representação ainda hoje circula em diversos discursos e artefatos, teve sua constituição, sua invenção, forjada graças a inúmeras condições históricas que possibilitaram o seu surgimento, tendo sido apropriada pelo discurso literário, político, e é utilizada nos dias de hoje como símbolo de todas as pessoas nascidas no Rio Grande do Sul. Os discursos e dispositivos pedagógicos da escola, da mídia, e as comemorações e artefatos do nosso cotidiano, interpelam sujeitos, “convidando-os” a tornarem-se gaúchos e gaúchas de acordo com a representação contida nesta figura mítica. Associada a essa figura está a idéia de nação gaúcha, a qual obteve, durante o período da Revolução Farroupilha (1835-1845), uma concretude cuja visibilidade se estende até os dias de hoje.

A nação gaúcha é uma formação discursiva que surgiu atrelada a uma história regional do Rio Grande do Sul, a qual seleciona e narra algumas das lutas ocorridas no território sul-rio-grandense, além de descrever a região, seus aspectos físicos, geográficos e humanos, como se fossem transcendentais. Ela - a nação - aparece narrada desde sempre como um prenúncio, uma promessa que “naturalmente” viria a ser cumprida. É importante observar a esse respeito o que Albuquerque Jr. (1999, p.29) nos diz sobre a história regional; afirma o autor que ela “não leva em conta o fato de que uma época ou um espaço não preexistem aos enunciados que os exprimem, nem às visibilidades que

---

acompanhando a diáspora gaúcha por outros estados brasileiros das regiões Sul, Centro-Oeste, Nordeste e Norte.

#### Educação

Porto Alegre – RS, ano XXVII, n. 2 (53), p. 263 – 281, Mai./Ago. 2004

os preenchem”. Central ao discurso historiográfico regionalista é o prenúncio da figura mítica do gaúcho, este também narrado como uma promessa gloriosa, herói que atravessou altivamente guerras e adversidades, tipo humano rude, que assim se constituiu somente por uma necessidade imposta pelo meio:

embora rude, o gaúcho era extremamente gentil para com as mulheres e destemido na defesa da honra dos indefesos. As constantes carnações, o churrasco meio cru, sua familiarização à lida campeira constante, o contato com o sangue, tornava-o sempre preparado para a guerra. (...) Na descendência telúrica encontramos as razões para um ser tão rude, forte e corajoso, ligado profundamente à terra, que chamou, carinhosamente, de Torrão (LAMBERTY, 2000, p. 16).

Da citação acima podemos perceber algumas das características básicas presentes no chamado “mito do gaúcho”: a oscilação entre a rudeza e a gentileza, a coragem e a bravura, a prontidão para a peleia, o amor à terra, ao pago, tão presente hoje em dia no discurso tradicionalista, sendo todas estas características supostamente adquiridas pela influência do meio e transmitidas aos gaúchos de todas as épocas. Essas são características também presentes no discurso a respeito do “gaucho” argentino e uruguaio, tendo sido a figura do gaúcho personagem de obras literárias do porte de Martín Fierro:

a figura romântica do gaúcho, como homem independente e rude, mas leal e sábio, foi emblemática para autores como José Hernández, que escreveu “Martín Fierro”, onde o gaúcho toma a dimensão de herói (EL GAUCHO, 2003).

No que se refere ao “gaúcho” uruguaio, encontramos o mesmo discurso: “a vida eqüestre, a alimentação carnívora, os ventos do oceano e do Pampa, o criaram magro, duro, ágil” (EL GAUCHO, 2003)<sup>2</sup>.

Segundo Oliven (1993), “há vários momentos nesse culto à figura do gaúcho” (p.25), e ele deve ser entendido como fazendo parte de várias condições históricas que tornaram possível tanto esta constru-

---

<sup>2</sup> As traduções do original em espanhol são de Letícia Freitas.

ção imagético-discursiva do gaúcho, quanto o seu aspecto encomiástico.

Não sendo nosso objetivo neste trabalho – e nem seria possível aqui fazê-lo – analisar com profundidade a formação discursiva referente ao mito do gaúcho sul-rio-grandense, faremos somente um mapeamento da constituição da figura desse gaúcho, relacionando-o, a seguir, com o discurso do gauchismo.

Conforme a historiografia corrente que se reporta à formação do estado do Rio Grande do Sul, por volta de 1870 houve várias mudanças no setor da pecuária, como o cercamento dos campos, o surgimento de novas raças de gado e a disseminação de uma rede de transportes. Estas foram transformações que afetaram a área da Campanha, com a conseqüente eliminação de certas atividades servis como as dos posteiros e agregados, que acabaram sendo expulsos do campo. A partir do final da Primeira Guerra Mundial, este processo se acentuou, com o surgimento de frigoríficos estrangeiros e a decadência das charqueadas. Neste momento, segundo Gonzaga (1996), é que se processa a constituição do chamado “mito do gaúcho”.

A feição definitiva do mito, entendido como totalização articulada e coesa, como conjunto de fantasias transformado em estatuto exemplar, mito alicerçado numa série de práticas e introjetado por todas as classes do organismo social – a ponto de se converter o gaúcho em nome gentílico – deu-se quando a pecuária começou a ser abalada, principalmente por causa da concorrência dos frigoríficos platinos (p. 121).

Essas mudanças constituiriam fatores de possibilidade para o incremento das manifestações de louvor à figura do gaúcho da Campanha. Aliás, o sentido da palavra *gaúcho*, conforme nos mostra Oliven (1993), passou por várias modificações semânticas, sendo, portanto, um exemplo do caráter contingencial e histórico dos significados.

No período colonial o habitante do Rio Grande era chamado de *guasca* e depois de *gaudério*, este último termo possuindo um sentido pejorativo e referindo-se aos aventureiros paulistas que tinham

#### Educação

desertado das tropas regulares e adotado a vida rude dos coureadores e ladrões de gado. Tratava-se de vagabundos errantes e contrabandistas de gado numa região onde a fronteira era bastante móvel em função dos conflitos entre Portugal e Espanha. No final do século 18, eles são chamados de *gaúchos*, vocábulo que tem a mesma conotação pejorativa até meados do século 19, quando, com a organização da estância, passa a significar o peão e o guerreiro com um sentido encomiástico. O que ocorreu foi a ressemantização do termo, através da qual um tipo social que era considerado desviante e marginal foi apropriado, reelaborado e adquiriu um novo significado positivo sendo transformado em símbolo de identidade do Estado (p.25).

Segundo Maciel (2000), no início do século XX o termo gaúcho ainda não era utilizado generalizadamente como sinônimo de sul-riograndense, sendo que “é no decorrer do século XX que, aos poucos, o uso se estabelece para toda a população do Rio Grande do Sul” (p. 86).

No final do século XIX e início do século XX surgem vários discursos a respeito do gaúcho que concorrem para a formação discursiva tradicionalista. Gutfreind (1998) assinala o período entre 1920 e 1970 como sendo aquele que “privilegia a construção do mito do gaúcho brasileiro” (p. 148). Como ápice de toda essa movimentação discursiva, em 1947, alguns jovens do Colégio Estadual Júlio de Castilhos<sup>3</sup>, em Porto Alegre, criaram o Departamento de Tradições Gaúchas do Grêmio Estudantil, organizando a primeira Ronda Gaúcha<sup>4</sup>, de 7 a 20 de setembro daquele ano. Também naquele ano foi instituída a Chama Crioula: “tomando uma centelha do Fogo Simbólico da pira da Pátria antes de sua extinção às 24 horas do dia 7 de setembro, transportaram-na até o saguão do Colégio Júlio de Castilhos onde acenderam a “Chama Crioula” num candieiro de galpão” (OLIVEN, 1990, p. 11).

No dia 24 de abril de 1948 foi fundado o 35 CTG – Centro de Tradições Gaúchas, numa referência ao ano de deflagração da Revolução Farroupilha, em 1835. No início os fundadores pretendiam que o cen-

---

<sup>3</sup> O Colégio Estadual Júlio de Castilhos, em Porto Alegre, foi legalmente considerado, por várias décadas, um colégio público padrão do Estado, cujo acesso – tanto para professores como para alunos – se dava através de concursos e provas específicas.

<sup>4</sup> A Ronda Gaúcha corresponde atualmente à Semana Farroupilha.

#### Educação



tro fosse uma agremiação de, no máximo, trinta e cinco participantes, mas depois foi decidido que ela estaria aberta para todos os que dela quisessem participar. O grupo passou então a se reunir aos sábados, para tomar chimarrão e imitar os hábitos do interior, como as charlas dos peões nos galpões das estâncias.

À criação do primeiro Centro de Tradições Gaúchas, seguiu-se a “criação” de várias tradições, com o objetivo de recuperar hábitos e costumes encontrados na região da Campanha e das estâncias, as quais os fundadores do movimento julgavam ser as “autênticas” tradições gaúchas. A esse respeito observa Oliven que

embora não quisessem constituir uma entidade que refletisse sobre a tradição, mas um grupo que procurasse revivê-la, era necessário recriar o que imaginavam ser os costumes do campo. Assim, a estrutura interna do 35 CTG não utilizou a nomenclatura que normalmente existe em associações, mas adotou os nomes usados na administração de um estabelecimento pastoril, já que os jovens queriam evocar o ambiente de uma estância. No lugar de presidente, vice-presidente, secretário, tesoureiro, diretor, etc. empregaram-se os títulos de patrão, capataz, sota-capataz, agregados, posteiros, etc. No lugar de Conselhos Deliberativos ou Consultivos, foi colocado o Conselho de Vaqueanos, e em vez de departamentos foram criadas invernadas. De forma semelhante todas as atividades culturais, cívicas ou campeiras, receberam nomes que tivessem origem nos usos e costumes das estâncias gaúchas, tais como rondas, rodeios, tropeadas, etc (idem p.15-16).

Depois da criação do 35 CTG<sup>5</sup> ocorreu, paulatinamente, uma proliferação de Centros de Tradições Gaúchas por todo o Estado do Rio Grande do Sul, em outros estados e no exterior. É importante ressaltar que a re-criação dessa tradição gaúcha não representou, em si, uma anomalia ou excentricidade ímpar na história de várias comunidades humanas. Para os historiadores Hobsbawn e Ranger (1997) “não há lugar nem tempo investigados pelos historiadores onde não haja ocorrido a “invenção” de tradições” (p.12). Segundo os autores, por exem-

---

<sup>5</sup> Sobre a estrutura de um CTG consultar o site <http://www.cam.org/~guri/estctg.htm>

plo, houve uma produção em massa de tradições na Europa no período entre 1879 e 1914. Conforme os mesmos,

Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado (ibid. p. 9).

As práticas e o discurso tradicionalistas buscam justamente estabelecer uma continuidade histórica, tentando fixar certos rituais e fazer com que os/as gaúchos/as se constituam como tal, valendo-se, para isso, das tradições, mais ou menos “inventadas”, e do discurso que privilegia o passado e a memória que seria comum a todos/as. Albuquerque Jr. (op. cit.) comenta que o discurso tradicionalista

toma a história como o lugar da produção da memória, como discurso da reminiscência e do reconhecimento. Ele faz dela um meio de os sujeitos do presente se reconhecerem nos fatos do passado, de reconhecerem uma região já presente no passado, precisando apenas ser anunciada. Ele faz da história o processo de afirmação de uma identidade, da continuidade e da tradição, e toma o lugar de sujeitos reveladores desta verdade eterna, mas encoberta (p. 79).

Este discurso tradicionalista se vale de sistemas simbólicos, de tradições, que, mesmo inventadas, vão sendo obscurecidas pela bruma do tempo e passam a fazer parte da memória da nação e de cada um de nós, “sujeitos do presente”, que pertencemos, também simbolicamente, à região.

É importante ressaltar aqui o papel que passou a ter o Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG), criado em 1966, no sentido de ser um aglutinador destes significados presentes na consolidação da figura do gaúcho. O MTG coordena as ações dos Centros de Tradições Gaúchas (CTG) a ele filiados e demais entidades do gênero, realizando anualmente o Congresso Tradicionalista, coordenando e dando assessoria e legitimidade a eventos como rodeios, festas campeiras, festivais nati-

#### Educação

vistas, concursos de prendas e artísticos, promovendo regularmente concursos de primeiras prendas etc.

A preocupação do MTG para que as crianças aprendam, desde cedo, a maneira de se tornarem gaúchos e gaúchas é uma de suas importantes dimensões. Barbosa Lessa, um dos fundadores do movimento, no primeiro congresso do MTG, realizado em Santa Maria no ano de 1954, defendeu a tese “O Sentido e o Valor do Tradicionalismo”, na qual confere um intuito declaradamente pedagógico para o movimento. Ao lado da assistência a ser dada ao homem do campo, a grande questão seria a atenção a ser dada às novas gerações, pois, segundo o seu autor, o Tradicionalismo deve “operar com intensidade no setor infantil ou educacional, para que o movimento tradicionalista não desapareça com a nossa geração”.

Fica evidente, pois, a preocupação com a renovação do Movimento, com a construção de novos gauchinhos e prendinhas, dimensão que será discutida na segunda parte do trabalho, o qual se debruçará sobre reportagens publicadas durante a Semana Farroupilha e que tratam justamente da inserção das crianças, seja via Escola ou família, no discurso do gauchismo. Dessa forma, as crianças deveriam aprender, desde cedo, a como “ser” gaúcho ou gaúcha, participando de desfiles, se “pilchando” (vestindo-se como piás e prendas), aprendendo a dançar, participando de invernadas, enfim, “adquirindo o gosto e o espírito do gauchismo”.

A forma como essa figura do gaúcho – ancorada no homem do pampa, que encontra similares no “gaúcho” argentino e uruguaio – aparece na mídia impressa, como um selo de autenticidade da região, foi examinada por Freitas, em sua dissertação de Mestrado, intitulada *Aprendendo a ser gaúcho/a* (FREITAS, 2002). Entre outras várias análises, a autora examinou especificamente a presença, na mídia impressa, da representação de artefatos como o chimarrão, a música, o cavalo, o gado e a estância; em outro capítulo do trabalho, foi examinado como esses artefatos são postos em cena nas festas escolares, nas comemorações da revolução farroupilha, em eventos políticos, em celebrações religiosas, etc., considerando-se a penetração do discurso do gauchismo, através de todas essas práticas – CTGs, festas, concur-

#### Educação

sos, comemorações – no sentido de evocar para si uma “verdade” sobre o “ser gaúcho”.

Além disso, a autora aponta para as rupturas dessa representação (como exemplo, temos a referência às modelos gaúchas, de aparência européia), rupturas essas que nos permitem perceber uma série de outros discursos buscando legitimação e “*status*” de “verdade”, muitas vezes se sobrepondo ao e se entrecruzando com o discurso do gauchismo. Esse também é o caso “daqueles que se referem à organização, ao espírito trabalhador e à eficiência dos/as gaúchos/as, pelo fato de serem descendentes de europeus” (FREITAS, 2002, p. 115).

É para discutir um pouco a permanência, a hibridação, as escolhas que se fazem relativas a marcas identitárias do gaúcho e como isso se reflete na mídia impressa, que nos debruçamos sobre algumas das matérias publicadas nos jornais *Correio do Povo* e *Zero Hora* durante o mês de setembro de 2003, todas elas referentes às comemorações da Revolução Farroupilha e trazendo à cena discursos e artefatos ligados ao discurso do gauchismo.

### **ALGUNS PONTOS DE ANÁLISE**

Em primeiro lugar, é preciso registrar que o mês de setembro é um mês bastante aproveitado na mídia gaúcha para a exploração das marcas dessa gauchidade. Durante esse mês, praticamente todos os marcadores identitários ligados ao gauchismo são postos em cena, ocorrendo algo que, segundo Canclini (1998), pode-se chamar de uma teatralização do patrimônio. De acordo com o autor, “a teatralização do patrimônio é o esforço para simular que há uma origem, uma substância fundadora, em relação à qual deveríamos atuar hoje” (p. 162). É através da teatralização do patrimônio, portanto, que a tradição é colocada em cena.

Dentre todas as ocasiões de encenação – festas, *shows*, eventos, rodeios, concursos – as Comemorações da Revolução Farroupilha são, sem sombra de dúvida, o seu ponto alto. Durante a Semana Farroupilha há festividades em todo o Estado: desfiles, fandangos, acampamentos, missas crioulas, preparo do chimarrão e do churrasco em locais públicos, entre outro. Nas escolas, alunos e alunas são incentiva-

#### **Educação**

dos a irem pilchados, e há toda uma mobilização em torno da data e do resgate do seu significado.

O *Correio do Povo*, jornal que, por suas características, tem uma penetração maior no interior do Estado, adotou, neste ano de 2003, a presença das cores da bandeira rio-grandense na primeira página: verde, vermelho e amarelo. Também aparece, tanto na primeira página quanto em algumas reportagens, uma espécie de logotipo relativo à Revolução Farroupilha, evento que, da história sul-rio-grandense, foi escolhido como o mais talhado para simbolizar a “identidade gauchesca”. O logotipo em questão apresenta, na parte de cima, uma bandeira do Rio Grande do Sul em cores e, logo abaixo, em preto e branco, o perfil de um grupo de cavalarianos em marcha, muitos deles também trazendo a bandeira do Rio Grande do Sul, numa clara alusão à Revolução Farroupilha. Esses dois símbolos estão dentro de um quadrado de bordas vermelhas. O logotipo aparece posicionado no meio e ao lado de diversas reportagens a respeito das comemorações da Revolução Farroupilha, sugerindo o espírito de lutas e glória do passado gaúcho.

Uma olhada nas numerosas matérias jornalísticas dessa época do ano sinaliza para uma grande proliferação de matérias relativas a festejos tradicionalistas (desfiles, *shows* tradicionalistas, rodas de chimarrão), com destaque para o acampamento no Parque Harmonia, em Porto Alegre, e para os diferentes desfiles que se realizam não só em Porto Alegre, como em numerosas cidades do interior. Inclusive uma nota publicada no *Correio do Povo* de 17 de setembro dá conta de que um “Desfile tradicionalista mobiliza 3 mil alunos”, desfile esse realizado em Livramento e organizado pela própria Coordenadoria Regional de Educação, o que lhe dá – certamente – o selo da “validade” social. Outras escolas são citadas nas matérias alusivas à data, revelando o quanto a própria instituição escolar está envolvida na produção e reprodução dessa identidade. Aliás, como observa Silveira (2000):

“Vinte de Setembro” é uma referência auto-explicativa para professores e professoras do Rio Grande do Sul, uma vez que, via de

#### Educação

Porto Alegre – RS, ano XXVII, n. 2 (53), p. 263 – 281, Mai./Ago. 2004

regra, a data capitaliza (de forma quase solitária) o esforço escolar de marcação da identidade gaúcha, na chamada Semana Farroupilha. Observa-se aí, de forma geral, o aproveitamento dos ícones e elementos de invenção do gauchismo: lêem-se textos que narrem a “história do gaúcho” ou, de alguma forma, alusivos à data, fazem-se atividades “de ensino” ligadas às palavras que nomeiam os objetos “típicos”, adornam-se salas com as cores farroupilhas, instituem-se dias de “vivência” da cultura gaúcha, com a permissão (e o incentivo) para a entrada na escola do chimarrão, de alguma comida campeira, incentiva-se a vinda de alunos devidamente pilchados, ouvem-se músicas nativistas, etc. (p. 283).

Também nos chama a atenção a grande presença de imagens de crianças convenientemente pilchadas ou participando desses eventos. Especificamente uma pequena nota do *Correio do Povo* de 17 de setembro, nos relata – em relação à cidade de Novo Hamburgo, que tem um grande contingente de descendentes de imigrantes alemães – a ocorrência da V Cavalgada da Semana Farroupilha, organizada pelo Colégio Oswaldo Cruz, em que 400 alunos da educação infantil participaram com seus “cavalinhos de pau”. Sabe-se o quanto o cavalo tem sido um dos ícones do gauchismo, simbolizando a ruralidade, a liberdade e a nobreza do gaúcho e não deixa de ser interessante esta solução híbrida de fazer as crianças desfilarem em cavalinhos de pau!

Em matéria do jornal *Zero Hora* (que é um jornal mais “cosmopolita”) da edição de 15 de setembro, intitulada *Crianças nos piquetes, para orgulho dos pais*, há, efetivamente, uma mescla de discursos; por um lado, uma parte da matéria focaliza uma criança – Leonardo, de 2 anos - que está “se mostrando um gaudério por natureza”. Segundo o pai do garoto, ele “promete na tradição”, pois já anda a cavalo e se diverte muito no galpão do acampamento farroupilha do Parque da Harmonia. O menino, aliás, de acordo com a reportagem, não quer ir para casa, quer dormir no galpão. Como podemos perceber, o menino Leonardo vem sendo, desde pequeno, interpelado pelo discurso do gauchismo, aprendendo, desde cedo, e com incentivo do pai – que é, segundo a reportagem, “um apaixonado pela tradição rio-grandense” – a ser gaúcho nos moldes preconizados por tal discurso. Por outro lado, para as crianças representadas na foto maior, a dimensão é simplesmente a da “diversão”, do “programa de domingo”. Trata-se de uma

#### Educação

identidade do lazer, de um “enriquecimento” cultural. Os irmãos Rafael (7 anos), Fabiane (5) e Gabriele (2) são crianças, de acordo com a reportagem, acostumadas na cidade, e o contato com a vida rural, segundo o pai das crianças, é educativamente importante. O passeio (ao acampamento), ainda de acordo com o pai, seria diferente e cultural, mas o programa é visto como uma atividade de lazer, assim como o seria a visita a um parque de diversões. Temos aí justamente a encenação à qual se refere Canclini (1998), na qual a identidade gaúcha aparece como algo pitoresco. Nesse sentido, Silveira (2000) menciona o que muitas vezes acontece nas Escolas: “De certa forma, parece que a ‘identidade gaúcha’, mormente nas escolas urbanas, é dizível apenas como ‘cenografia, rito, encenação e teatro’, como recheio potencialmente rico para o ‘festejar necessário da escola’” (p. 283).

Para além de tais representações, entretanto, é importante salientar novamente que a freqüente presença de crianças nas matérias jornalísticas e nos próprios desfiles noticiados sinaliza para a dimensão prospectiva de manutenção de uma “identidade” gaúcha.

Outras três matérias nos chamaram a atenção em especial, porque de certa maneira colocam em confronto duas identidades – a gaúcha (regional no Brasil) e a nacional (que é uma identidade instalada na modernidade e seguramente, apesar dos deslocamentos, das migrações, da mídia, da Internet, uma das dimensões mais fortes a definir um sujeito...). Trata-se especificamente das matérias que tematizaram a ocorrência de um desfile “internacional” de 20 de setembro nas cidades fronteiriças de Livramento (Brasil) e Rivera (Uruguai).

Dois discursos aparecem de maneira bastante forte nas reportagens, marcando disputas identitárias: o primeiro deles enfatiza a união de dois países propiciada pelo desfile, sendo o verbo *unir*, inclusive, utilizado nos títulos de duas reportagens publicadas pelo jornal *Zero Hora* – Linha divisória une dois países (15.09.03) e Festa farroupilha une fronteiriços (18.09.03).

Na primeira dessas reportagens são assinaladas algumas festas, como o Carnaval de rua – cuja rainha é uruguaia – e a festa religiosa de *Corpus Christi*, que já são comemoradas juntas. Essa é uma maté-

#### Educação

ria bem mais completa, abordando uma temática já antiga no imaginário sul-rio-grandense, que é o das duas cidades irmãs, separadas apenas por uma rua. Chama-nos a atenção o fato – registrado na reportagem - de que tal união propicia, nas comemorações de *Corpus Christi*, que a procissão caminhe por uma cidade cantando em seu idioma e, ao cruzar para o outro lado, adote a outra língua.

A outra reportagem, que também enfatiza a união que seria gerada pelo desfile, sublinha que, no galpão central da Semana Farroupilha, instalado no Parque Internacional, em Livramento, todos os dias, integrantes de quatro entidades ou mais – entre elas algumas ligadas à Asociación Tradicionalista de Rivera - se revezariam nas “casereadas” do galpão, onde há um centro de informações turísticas e um palco. Ou seja: a responsabilidade pelo “galpão” seria dividida entre “tradicionalistas” dos dois países!

Em contraposição a esse discurso há um outro, que trata da polêmica causada pelo desfile em questão. Tal polêmica teria sido desencadeada sobretudo por setores do tradicionalismo gaúcho, sob o argumento de que a “Semana Farroupilha é uma homenagem ao gaúcho rio-grandense, 20 de setembro é uma data cívica sul-rio-grandense, e civismo se faz em casa” (ZH, 12.09.03). Também há argumentação dissonante por parte de um cidadão uruguaio e de um brasileiro entrevistados: as tradições do homem do pampa brasileiro, uruguaio e argentino seriam, segundo um dos entrevistados, muito parecidas, mas cultuadas de formas distintas - os uruguaios encilham e montam de outra forma, seus arreios e pilchas seriam diferentes. O desfile não deveria, portanto, acontecer, uma vez que só atenderia ao apelo do turismo e seus possíveis dividendos econômicos. Ou seja: o embate entre as identidades nacionais diversas (brasileira e uruguaia) e as identidades regionais (o “gaúcho” sul-rio-grandense teria muito em comum com o “gaúcho” uruguaio) estaria simbolizado nessa (des)união de comemorações.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa intenção, nesse estudo, não foi – em absoluto – fazer uma apologia de uma identidade “genuína”, da necessidade de “conserva-

#### Educação



ção das nossas raízes” frente à globalização, ou à invasão de outros valores, discurso que costuma ser o adotado por todos (ou quase todos) os movimentos em favor de uma tradição (geralmente inventada); nem, por outro lado, criticar duramente, por sua “irrealidade”, por “traição à verdadeira história” (alinhando-nos aos que argumentam que as “elites” de estancieiros cooptaram os pobres peões para uma comemoração falsamente igualitária) ou por seu caráter construído, tais comemorações. Nosso intuito foi mostrar a constante hibridação a que tal identidade (por si só uma construção – como o são tantas outras) está sujeita; no caso específico das notícias da mídia impressa do ano de 2003, elas trouxeram a polêmica em relação ao binômio identidade nacional – identidade “regional”, polêmica semelhante àquela que reiteradamente acontece nas festividades juninas que ocorrem no Rio Grande do Sul: a discussão entre uma reinventada identidade gaúcha versus uma reinventada identidade caipira.

Aliás, conforme assinala Canclini (2000), “estudar processos culturais (...), mais do que nos levar a afirmar identidades auto-suficientes, serve para conhecer formas de situar-se em meio a heterogeneidade e entender como se produzem as hibridações” (p. 4).

Nesse sentido, as hibridações nos permitem entender como gaúchos conservadores vão a CTGs, mas seus filhos, matriculados em escolas mais “modernas”, festejam o *Halloween*. Permitem-nos entender, também, a sobreposição identitária que faz com que colonos/as descendentes de alemães, italianos, poloneses, vistam bombachas, tomem chimarrão e “pratiquem” a sua identidade gaúcha, ao mesmo tempo em que podem fazer parte de grupos de danças folclóricas alemãs, corais italianos, exercendo também a sua identidade “colona”, “imigrante”. Também nos permitem entender que gaúchos sul-riograndenses desfilem junto a “gauchos uruguayos”, em comemoração ao 20 de setembro!

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez, 1999.

### Educação

Porto Alegre – RS, ano XXVII, n. 2 (53), p. 263 – 281, Mai./Ago. 2004

CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas híbridas*. São Paulo: Editora da USP, 1998.

\_\_\_\_. Notícias recientes sobre la hibridación. Disponível em <<http://acd.ufrj.br/pacc/artelatina/nestor.html>>. Acesso em 02 de dezembro de 2000.

EL gaúcho de la Argentina. Disponível em: <<http://www.argentinaxplora.com/activida/legado/gaúcho/gaúcho.htm>>. Acesso em 10 de novembro de 2003.

EL gaúcho. Disponível em <<http://www.rau.edu.uy/uruguay/cultura/gaúcho.htm>>. Acesso em 10 de novembro de 2003.

FREITAS, Letícia Fonseca Richthofen. *Aprendendo a ser gaúcho/a*. Dissertação. Porto Alegre: UFRGS/FACED, 2002.

GONZAGA, Sergius. As mentiras sobre o gaúcho: primeiras contribuições da Literatura. In: \_\_\_\_; DACANAL, José Hildebrando (orgs.). *RS: Cultura e ideologia*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1996. p. 113-132.

GUTFREIND, Ieda. A historiografia sul-rio-grandense e o mito do gaúcho brasileiro. In: FISCHER, Luís Augusto; GONZAGA, Sergius (orgs.). *Nós, os gaúchos*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1998. p. 148-152.

HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence (orgs.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

JACKS, Nilda. *Mídia nativa: indústria cultural e cultura regional*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1998.

LAMBERTY, Salvador Ferrando. *ABC do tradicionalismo gaúcho*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2000.

LESSA, Barbosa. *O sentido e o valor do tradicionalismo*. Disponível em: <<http://www.mtg.org.br>>. Acesso em 03 de dezembro de 2000.

MACIEL, Maria Eunice de Souza. Apontamentos sobre a figura do gaúcho brasileiro. In: BERND, Zilá (org.). *Olhares cruzados*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2000. p. 76-95.

OLIVEN, Ruben George. O maior movimento de cultura popular do mundo ocidental: o tradicionalismo gaúcho. *Cadernos de Antropologia*, n. 1. Porto Alegre: UFRGS/IFCH, 1990.

#### Educação

\_\_\_\_. A dupla desterritorialização da cultura gaúcha. In: FONSECA, Cláudia (org.). *Fronterias da cultura*. Horizontes e territórios da antropologia na América Latina. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1993. p. 24-40.

SILVA, Tomaz Tadeu. *O currículo como fetiche*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

\_\_\_\_. *Documentos de identidade*. Uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. “Ser gaúcho/a”, escola e Vinte de Setembro. In: AZEVEDO, José Clovis; GENTILI, Pablo; KRUG, Andréa; SIMON, Cátia (orgs.). *Utopia e democracia na educação cidadã*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2000. p. 277-287.

\_\_\_\_. Textos e diferenças. *Leitura em revista*. Ijuí: Ed. Unijuí, v.1., n.1, jan/jun. 2002.

WODAK, Ruth et alii. *The discursive construction of national identity*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). *Identidade e diferença*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 7-72.

### Educação